

ONDE MADAME DANÇA

WHERE DOES THE MADAM DANCE?

Imaculada Kangussu*

*“Ombros dourados, colo palpitante,
Rita Hayworth estava magnífica;
mas uma star sem marido é mais
desolador do que uma criança órfã.”*

BEAUVOIR, *A força das coisas*, p.124.

RESUMO

O propósito do texto é apresentar uma passagem da vida de Simone de Beauvoir relativa a seu romance com o grande escritor norte-americano Nelson Algren, que durou de 1947 a 1964, e é narrado em *A força das coisas* (1963). As mais de trezentas cartas que a pensadora francesa remeteu-lhe, postumamente editadas, também lançam uma luz, muito mais íntima, sobre o acontecimento e evidenciam tanto a intensidade amorosa de Beauvoir quanto os limites desta. O andamento dos encontros e desencontros transatlânticos era dado pela agenda de Sartre: as datas eram definidas pelos tempos que o filósofo francês dedicava a outras. A apresentação pública da relação permite-nos perceber as tensões dolorosamente vividas pela autora que, mesmo no auge da paixão, nunca acolheu a possibilidade – sugerida por Algren – de sair da zona de conforto e de mudar radicalmente sua vida. Para além de qualquer juízo, a exposição da história produz um documento inestimável que diz respeito tanto a astúcias e peripécias de Eros, que desconcertam as relações estabelecidas, quanto ao lugar social da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiguidade; Feminismo; Eros; Nelson Algren; Sartre

ABSTRACT

The text's purpose is to present a passage of Simone de Beauvoir's life regarding her romance with great American writer Nelson Algren, which lasted from 1947 to 1964 and is narrated in *La force des choses*- 1963. The more of three hundred letters sent by the French thinker, edited posthumously, also cast

* Professora do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, da Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre e Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado na School of Arts and Science, da New York University, como bolsista da Capes, organiza o grupo de pesquisa “Arte e Conhecimento”. Escreve artigos publicados em jornais, revistas e livros, dentre eles *Katharsis* (2002), *Theoria Aesthetica* (2005), *Dimensão Estética* (2006), *O cômico e o trágico* (2008), *Estéticas do deslocamento* (2008), que coorganizou. É autora de *Sobre Eros* (2007) e *Leis da liberdade* (2008).

a light, much more intimate, on this happening and evidence Beauvoir's amorous intensity as much as its limits. The course of transatlantic encounters and partings were due to Sartre's agenda: the dates were defined by the time the Frenchman philosopher dedicated to other women. The public presentation of this relationship permit us to perceive the tensions painfully lived by the female author that, even at the edge of passion, never welcomed the possibility – suggested by Algren – to leave her comfort zone and radically change her life. Beyond any judgement, the story's account produces an inestimable document concerning Eros' astuteness and adventures, which disturb the established relationships, as much as woman's social place.

KEYWORDS: Ambiguity; Feminism; Eros; Nelson Algren; Sartre

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. O filosofema apresentado em *O segundo sexo* (1949) como síntese da condição feminina transformou Simone de Beauvoir (1908-1986) em conhecida “feminista”. É o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário “entre o macho e o castrado” que qualificam o feminino, explica a escritora bastante ambígua a respeito da relação de seu sexo com o chamado “oposto” e consigo mesmo. A obra influenciou gerações e ainda mantém-se viva, apesar dos numerosos equívocos relativos à história, já apontados por Claude Lévi-Strauss (também os encontrei quando pesquisei Louise Labé, para escrever *Sobre Eros*). Mais do que nos ensaios filosóficos, talvez a maior contribuição de Beauvoir à emancipação da mulher encontre-se nos escritos – romances, peças e, sobretudo, textos autobiográficos, onde ela se revela até as vísceras. Seu gênio foi dar a suas experiências de vida uma forma estética que as transforma em uma espécie de janelas através das quais outras mulheres, em outros tempos, podem perscrutar criticamente as próprias vidas. Ao expor-se e refletir sobre o exposto, ela oferece-nos a possibilidade de compreender as contradições que encarnamos e os papéis sociais que desempenhamos nas práticas cotidianas. A autorreflexão publicada (escancarada, algumas vezes) oferece um modelo, no sentido especular, seja positivo ou negativo isso parece menos importante do que a criação de uma forma de expressar o modo próprio de experimentar o mundo do gênero cujas expressões, na época, em raros casos escapavam aos domínios da arte culinária, do bordado, da moda. O acesso ao discurso público permite-lhe colocar em cena o antes obscuro: se ainda a partir da posição de “segundo sexo”, vítima histórica do primeiro, será uma questão enfrentada por evas futuras.

Como reconhecimento do papel libertário desempenhado pela escritora e pela personagem, desejamos fazer aflorar um pouco da evidente ambiguidade presente em suas obra e vida. Ambiguidade talvez nem sempre escolhida e sim provocada pela posição em que se via – como gênero – colocada pelo contexto sócio-político em curso. Penso não ser necessário, para admirarmos Simone de Beauvoir, deixarmos de considerar suas posições criticamente: por um lado, porque desconsiderar umas e transformar outras em dogma pode ser uma forma de rebaixamento; por outro lado, porque a grandeza de seu papel histórico resiste a críticas.

Depois dessa declaração de intenções, e antes de ir adiante, desejo mencionar que esse texto é o desdobramento de um anterior, escrito em 2008 por encomenda, para um dossiê sobre Simone de Beauvoir, de uma revista paulista de circulação nacional – e por ela recusado por posicionar-se de modo distinto ao desejado pela publicação. Agradeço por esse novo convite a Magda Guadalupe, que já conhecia essa história toda e me dá agora a oportunidade de retomar o texto.

Conforme pode-se ler em *A força das coisas* (1963), *O segundo sexo* começa a tomar forma em 1946, quando Beauvoir sente vontade de escrever sobre si – e revela seu gosto pelos “ensaios-mártires, nos quais nos explicamos sem pretextos. Comecei a pensar nisso, a tomar algumas notas, e falei no assunto com Sartre. Tive consciência de que uma primeira questão se colocava: o que significava para mim ser mulher? [...] ‘Para mim’, disse eu a Sartre, ‘isso, por assim dizer, não contou’ – ‘De qualquer modo, você não foi criada da mesma maneira que um menino: seria preciso prestar mais atenção a isso’. Eu prestei, e tive uma revelação: este mundo era um mundo do masculino, minha infância fora nutrida de mitos forjados pelos homens [...] Fiquei tão interessada, que abandonei o projeto de uma confissão pessoal, para me ocupar da condição feminina em sua generalidade” (BEAUVOIR, 1995, p. 92). Beauvoir de fato presta atenção ao que Sartre sugere, abandona provisoriamente o projeto de falar na primeira pessoa, de explicar-se “sem pretexto”, vai fazer leituras na Bibliothèque Nationale, estudar os mitos da feminilidade, e escrever a obra que a transforma em lenda.

Fica explícita a direção dada por Sartre que, poucos meses antes, envolvera-se com outra mulher e comunicara a Beauvoir a intenção dos dois de passarem, a cada ano, quatro

meses juntos. Ela se preocupa, e pergunta-lhe: “‘Francamente, de quem você gosta mais, de M. ou de mim? – Gosto muitíssimo de M., mas é com você que vivo.’ Perdi o fôlego. Eu compreendia que ele quisera dizer: ‘Respeito nosso pacto, não me peça nada mais’. Tal resposta punha todo o futuro em questão”, salienta a escritora. Mais tarde, “Sartre se explicou: havíamos sempre atribuído mais verdade aos comportamentos do que às frases, e era por isso que, em vez de se perder em discurso, ele invocara a evidência de um fato. Acreditei nele” (BEAUVOIR, 1995, p. 69). Mulheres muitas vezes resistem em aceitar as traições que as tradições autorizavam ao homem sem reciprocidade, e, julga Beauvoir, “se nada em suas próprias vidas compensa a inconstância masculina, irão se ver roídas pelo ciúme e pelo tédio. Numerosos são os casais que fazem mais ou menos o mesmo pacto que Sartre e eu: manter através de afastamentos uma ‘certa fidelidade’” (BEAUVOIR, 1995, p. 117). O pacto é arriscado, no caso de um dos parceiros preferir a nova relação e desejar romper a antiga “em vez de duas pessoas livres enfrentam-se uma vítima e um carrasco.” Por outro lado, quando o casal considera-se inabalável e permite-se apenas “simples caprichos sexuais” é mais fácil, julga a romancista, “mas a liberdade que se concedem não merece esse nome”. O casal em questão foi ambicioso, desejava conhecer “amores contingentes”, e a união entre os dois “deixava bastante espaço para amizades ou camaradagens amorosas, para romances fugazes”. Sem emitir juízos, escuto a lenda – o recorte que faço em sua obra parece-me suficientemente eloquente.

O entrelaçamento entre o feminino e o amor revela-se cedo na história de Beauvoir. Em linda passagem de sua primeira obra (declaradamente) autobiográfica, *Memórias de uma moça bem-comportada* (1958), ela descreve: “uma tarde, uma moça grande, de *tailleur* verde-maçã, fazia as crianças pularem corda. Tinha as faces rosadas, um riso brilhante e terno. À noite declarei a minha irmã: ‘Sei o que é o amor’. Tinha entrevisto algo novo. Meu pai, minha irmã, os que eu amava, eram meus. Pressentia pela primeira vez que a gente pode ser atingida no próprio coração por uma irradiação vinda de alhures. Esses impulsos não me impediam de sentir-me solidamente presa a meu pedestal. Curiosa dos outros, não sonhava com um destino diferente do meu. Não deplorava o fato de ser menina [...] Os meninos que conhecia nada tinham de prestigioso” (BEAUVOIR, 1987, p. 53). E em relação aos adultos, o sentimento era semelhante: “em certos terrenos, papai, vovô, meus tios pareciam-me superiores a suas esposas. Mas, na vida cotidiana, mamãe, Louise, as

professoras desempenhavam os papéis principais [...] Desse ponto de vista, meu sexo assegurava-me a proeminência” (BEAUVOIR, 1987, p. 54). Em suas fantasias infantis, a autora renuncia a ter filhos e resolve ser professora como meio de livrar-se de servidões, afiguradas pesadas, e de dedicar-se a formar espíritos. Por outro lado, ao perceber que a maior parte das heroínas – lendárias e reais, “mitos forjados pelos homens” – alcançavam a glória através de dolorosas provações por eles infligidas, confessa que, ao identificar-se com elas, “eu me fazia de vítima de bom grado. Por vezes punha ênfase em seus triunfos: o carrasco não passava de um insignificante mediador entre a mártir e seus louros”, continua Beauvoir, “a passividade a que meu sexo condenava-me, eu a convertia em desafio. Muitas vezes, porém, eu principiava a comprazer-me nisso: saboreava as delícias da desgraça, da humilhação” (BEAUVOIR, 1987, p. 55).

Muito tempo depois, uma sugestão – “quando passar em Chicago, procure Algren” – ocorrida na viagem aos Estados Unidos, em 1947, durante o período anual que Sartre compartilhava com M., transforma a vida da autora. Nelson Algren, conta Simone sobre o encontro, “vivía em um barraco sem banheiro nem geladeira, à beira de uma rua onde latas de lixo fediam e velhos jornais rodopiavam; aquela pobreza me refrescara, pois eu mal suportava o odor pesado de dólares que se respirava nos grandes hotéis e nos restaurantes elegantes.” (BEAUVOIR, 1995, p. 118). O genial escritor norte-americano arrebatou a francesa acostumada a conviver com Camus, Merleau-Ponty, Pontalis, Malraux, Leiris, Gallimard, Giacometti, Queneau, Boris Vian, Nathalie Sarraute, e também Leduc e Genet: “antes de partir para a estação, telefonei-lhe: precisaram arrancar-me o telefone das mãos”. Providencialmente, Sartre pede-lhe que prolongue sua estadia nos Estados Unidos (M. ia ficar mais tempo em Paris) e isso permite-lhe voltar a Chicago e a Algren. “Ele possuía aquele dom, dos mais raros, que eu chamaria bondade se essa palavra não estivesse tão deturpada: digamos, uma verdadeira preocupação com os homens”.

De volta à Europa, enquanto escreve *O segundo sexo*, “ensaio sobre a mulher” – “ele me dava o que eu até então pedira à literatura: a impressão de ao mesmo tempo arriscar-me e superar-me, uma alegria quase religiosa” – Beauvoir também revela que “a dificuldade e o prazer da escrita não teriam bastado para acalmar a lembrança dos meus últimos dias na América. Não era impossível voltar a Chicago, mas não seria melhor renunciar? Perguntava-me isso com uma ansiedade que beirava o desvario. Para me

serenar, tomei calmantes [...] fundadas, reais, minhas preocupações poderiam ao menos conter-se dentro de formas discretas: ora, elas eram acompanhadas de um desequilíbrio físico que meus maiores desesperos nunca haviam provocado, mesmo quando o álcool os ampliava” (BEAUVOIR, 1995, p. 120).

Em setembro, Simone volta a Chicago por duas semanas, “e desde o primeiro olhar soube que tivera razão em voltar” (BEAUVOIR, 1995, p. 126). Descobre então a cidade: “as prisões, os postos de polícia, os hospitais, os matadouros, as boates, os bairros pobres, com seus terrenos baldios e suas urtigas”. Apesar de Algren manter contatos com escritores de Chicago – Sherwood Anderson, Ben Hetch, James Farrel, Richard Wright, Langston Hughes, Carl Sandburg e Archibald MacLeisch – os amigos dele com os quais ela conviveu tinham dificuldade em manter os empregos devido à caça aos comunistas. “Outros eram drogados, jogadores, putas, ladrões, foragidos da justiça, homens fora da lei; eles escapavam ao conformismo americano, era por isso que Algren se sentia bem com eles, mas eram pouco acolhedores” (BEAUVOIR, 1995, p. 126). De novo Algren pergunta-lhe se ela quer ficar com ele, “expliquei-lhe que era impossível. Mas nos separamos menos tristemente do que em maio, porque na primavera eu voltaria, e faríamos juntos uma viagem de vários meses, ao longo do Mississipi, e iríamos à Guatemala e ao México”.

No ano seguinte (1948), tudo parecia estar arranjado, Sartre passaria quatro meses com M. e Beauvoir com Algren, quando o *affair* de Sartre muda de idéia e escreve-lhe que nunca mais voltaria a encontrar-se com ele nessas condições. Podendo então ficar com o agora abandonado companheiro, “de repente eu tinha escolha”, Beauvoir escolhe: “optei por um meio termo: dois meses na América, em vez de quatro” (BEAUVOIR, 1995, p. 142).

Em Chicago, Algren leva a convidada “à casa de um bando de ladrões morfinômanos” que ela “precisava” conhecer. Pela descrição seguinte, era uma questão controversa:

Passei duas horas num pardieiro, cercada de desconhecidos que falavam rápido demais [...] Havia uma quadragenária, condenada evadida da cadeia e drogada até os ossos; seu ex-marido, com uma enorme cara lívida, ainda mais drogado do que ela, passava as noites tocando tambor e os dias ao volante de um taxi, procurando droga pela cidade; seu amante titular, procurado pela polícia. Viviam juntos. A mulher tinha uma filha encantadora, e respeitavelmente casada há dois meses. Diante dela, o trio se aplicava em parecer decente. Apesar disso, o ex-marido

logo se atirou no banheiro, onde se picou, sob o olhar de Algren. Só se sentiam bem entre drogados, falando de seringas – disse-me Algren. Minha ansiedade dissipou-se rapidamente quando fiquei de novo sozinha com ele (BEAUVOIR, 1995, p. 143).

Depois o casal viaja em direção ao México e à Guatemala. Cincinnati, Ohio, Mississippi, Louisville, Kentucky, Memphis, Natchez, New Orleans, Yucatán, Mérida, Chicén Itzá, Uxmal, Moreli, Pazciaro, Janitzio, Puebla, Cholula, Cuernavaca, Taxco, aparecem no relato do percurso. A convidada tem medo de comunicar a nova data de sua antecipada partida e quando o faz o efeito é desastroso. Em suas palavras, “se tivesse tido a honestidade e a inteligência de advertir Algren, antes de ir encontrá-lo, os limites de minha permanência, as coisas teriam corrido melhor: provavelmente ele me teria acolhido com menos entusiasmo, mas eu não teria dado motivo ao seu rancor” (BEAUVOIR, 1995, p. 147). Perdida em casamento, ela não pode “abandonar” Sartre e viver como ele em Chicago. “Deixei-o no dia 14 de julho, sem ter certeza de voltar a vê-lo. Que pesadelo aquela volta, por cima do oceano, mergulhada em uma noite sem começo nem fim, entupindo-me de soníferos, incapaz de dormir, perdida, perdidamente apaixonada”.

No ano seguinte Algren vai à Europa, Simone vai buscá-lo na estação com “o casaco branco que trouxera de Chicago”, e o casal viaja à Itália – Roma, Nápoles, Porto d’Ischia, Sorrento, Amalfi, Ravello, Pompéia – e depois à África – Tunis, Djerba, Argel, Fez, Marrakesh. Segundo a autora, “foi magnífico. Nunca nos havíamos entendido tão bem” (BEAUVOIR, 1995, p. 167). Na volta, Algren recebe o prêmio Pulitzer por *O homem de braço de ouro* e Beauvoir publica os dois volumes de *O segundo sexo*. As críticas são por ela rebatidas com muita propriedade e em seu devido lugar: nunca aparecem nas cartas amorosas, publicadas postumamente, nas quais fica visível a forte união entre o casal transatlântico. Por exemplo, ao comentar a recusa de Algren ao convite a escrever os diálogos para a filmagem de sua obra premiada, escreve-lhe:

Totalmente de acordo com você: não vá para Hollywood. Por favor, por favor. Por que diabos você iria colocar estúpidos diálogos em estúpidos filmes, quando você tem o seu próprio e próximo bom livro a escrever? É claro, eles oferecem pontes de ouro, é muito lisonjeiro, muito agradável saber que nos oferecem isso, mas de que lhe serviria todo esse ouro? Dinheiro suficiente e dinheiro demais se equivalem, na minha opinião; você não pode comer mais do que você come, não pode jogar fora suas feias cucas adoradas para usar seda, não pode comprar o

amor com punhados de dólar, você possui mais amor do que alguém pode acumular em uma vida inteira (BEAUVOIR, 2000, p. 278).¹

Em 1950, o casal Algren-Beauvoir fica junto de julho a setembro. Foi desastroso, ele prefere romper o arranjo com alguém que se declara de forma intensa – e sempre com a data de despedida marcada antecipadamente. Parte da história é aproveitada em *Os mandarins*, dedicado a Nelson Algren, que serviu de modelo ao personagem Lewis (“utilizei Algren para inventar um personagem que deve existir sem referencia ao mundo dos vivos”) (BEAUVOIR, 1995, p. 237). Haverá ainda um encontro entre os dois nos Estados Unidos, no ano seguinte (1951), a partir de quando continuam correspondendo-se por quase uma década apenas pelo correio. A primeira carta enviada a Algren no dia seguinte a esse último encontro será um transbordamento de expressão, as palavras tentando ultrapassar os limites colocados às ações. Kitsch sincero e gloriosamente dolorido.

Uma vez que só pude lhe dar tão pouco, considerei perfeitamente explicável que você preferisse me expulsar de seu coração. Mas considerar justa uma decisão não a impede de ser cruel. A primeira vez, em Nova York, foi muito duro e, no ano passado, foi ainda mais duro. Creia-me, também: se chorei tanto e se me conduzi tão tolamente foi por conta de uma profunda ferida, que não cicatrizou durante todo o ano. Sim, é muito amargo não ser mais amada quando o seu amor se mostra tão violento quanto nunca, e quando essa rejeição não era esperada [...] Amo-o muito. Eu sempre o amei pelo amor que você me deu, pelo intenso desejo físico sempre renovado e pela felicidade que você me propiciou; mas, mesmo quando tudo isso feneceu, ou desapareceu um pouco, meu amor teimoso sobreviveu, por causa de tudo quanto você é. Porque você é quem você é, independentemente daquilo que me deu ou não – eu o guardarei para o resto da vida em meu coração. Sinto-me um simples monte de escombros – não se aborreça, então, que eu lhe escreva esta carta louca. (BEAUVOIR, 2000, p. 422-423)

Em 1960, quase uma década depois desse encontro, Algren passa seis meses na Europa e encontra Simone e Sartre. Esparsa correspondência, ainda assinada “com amor”, resiste até 1964, quando no final do ano é lançada a tradução norte-americana de *A força das coisas* que provoca a ruptura definitiva: o livro desencadeia em Algren uma reação pública de hostilidade – “até nos bordéis se fecham as portas”, teria dito depois de ver a história dos dois publicada – nunca explicada a Simone de Beauvoir.

¹ BEAUVOIR, 2000, p. 278. **Cartas a Nelson Algren**. Um amor transatlântico 1947-1964, a obra foi filmada por Otto Preminger, com Frank Sinatra no papel principal, a obra rendeu mesmo rios de dinheiro, menos para Algren.

Para terminar a breve narrativa dessa longa história de amor, apresento, como revelação do universo onde transitava o lado masculino do romance, trechos de uma página de Algren onde são descritos seus personagens:

Eles eram os que preferiam jogar numa máquina de fliperama a responder a um anúncio de classificados. Por cima das valas, que corriam com uma vida escura toda sua, ou nas vielas de gato e latas de lixo, estreitas demais para um Chrysler, eles permaneciam escondidos naquele fim de mundo coberto de sujeira atrás das promessas dos cartazes tentando driblar a correria da fortuna e da fama [...] Seus crimes eram doença, preguiça, bom humor, aborrecimento e má sorte. Eram os que haviam fracassado ao mexer os pauzinhos nos tribunais [...] Amantes, secretários do diabo, insetos em vôo, os enganados, os aleijados, os torturados, os extremamente arruinados e os espertalhões. Todos aqueles que não tinham ninguém com quem mexer os pauzinhos, aqueles por quem ninguém faz uma oração. (ALGREN, 1996, p. 300)²

No meio da miséria, o livro tem um *grand finale* ao revelar o último pensamento – bastante popular – do personagem principal: “‘Se Deus fez alguma coisa melhor que uma garota’, pensou Dove, ‘com certeza Ele a guardou pra Si mesmo’. (ALGREN, 1996, p. 326)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGREN, Nelson. **Um passeio pelo lado selvagem**. Tradução Jorge Cabicieri. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. **Cartas a Nelson Algren**. Um amor transatlântico 1947-1964. Tradução Márcia Neves Teixeira e Antonio Carlos Austregesilo de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **A força das coisas**. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução Sergio Milliet. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

² O livro de Algren inspira a conhecidíssima canção de Lou Reed, *Walk on the wild side* (gravada pela primeira vez em *Transformer*, 1972).